

V ENECULT

QUINTO ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA

V ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura
27 a 29 de maio de 2009
Faculdade de Comunicação/UFBa, Salvador-Bahia-Brasil.

GAY, BI OU HETERO (NORMATIVO)? A HOMOSSEXUALIDADE MASCULINA NA NOVELA *A FAVORITA*

Júlio César Sanches¹

“A sedução está para além do indiferente, está no estranho.”

(Jean Baudrillard).

Resumo:

Este artigo apresenta a primeira versão da análise sobre a representação da homossexualidade masculina na telenovela *A Favorita*. O trabalho é influenciado por leituras vindas da teoria queer e utiliza também a metodologia criada pelo grupo CUS (Cultura e Sexualidade). O estudo faz parte de uma ampla pesquisa do CULT (Centro de Estudos Multidisciplinares em Cultura). O objetivo é analisar todas as novelas da Rede Globo que tenham em seu enredo personagens não heterossexuais. A análise realizada neste artigo conclui que a representação instaurou a discussão sobre homossexualidade, porém, o personagem esteve incluso em um modelo de representação considerado heteronormativo, caracterizado por uma performatividade de gênero presa ao binarismo masculino/feminino.

Palavras-chave: teoria queer – telenovela – heteronormatividade – representação – performatividade.

Introdução:

Este artigo apresenta a primeira versão da análise da homossexualidade na novela *A Favorita*, da Rede Globo. O estudo faz parte de uma ampla pesquisa, financiada pela FAPESB (Fundo de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia), que está sendo realizada pelo grupo Cultura e Sexualidade (CUS), do Centro de Estudos Multidisciplinares em Cultura (CULT), com sede na Universidade Federal da Bahia (UFBA), e que tem o apoio do Núcleo de Estudos em Sociedade, Poder e Cultura, (NESPOC), da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). O objetivo central do projeto de pesquisa é analisar as representações dos personagens não heterossexuais nas novelas da Rede Globo e no teatro baiano. A proposta final é utilizar

¹ Graduando do curso de comunicação social da UFRB (Universidade Federal do Recôncavo da Bahia), pesquisador vinculado ao NESPOC (Núcleo de Estudos em Sociedade, Poder e Cultura), bolsista de políticas afirmativas da PROPAAE/UFRB. juliocesar_black@yahoo.com.br

o diagnóstico da pesquisa para desenvolver políticas públicas e culturais que sejam direcionadas à diversidade sexual.

Nos primeiros estudos, Colling (2007) realizou uma classificação geral das representações dos personagens homossexuais estabelecidas pelas telenovelas da Rede Globo, de 1974, em *Rebu*, até meados de 2007. O trabalho identificou três tipos de representação. Inicialmente as novelas agregaram os personagens gays à criminalidade. Logo depois, desenvolveram personagens com características baseadas nos estereótipos da bicha afetada. E as últimas novelas, trouxeram em suas tramas representações que são consideradas inclusas no modelo heteronormativo.

Porém, naquele texto não foi possível fazer um maior detalhamento das representações dos personagens homossexuais. Por isso, foi indispensável criar uma metodologia com algumas especificidades que ajudassem nas análises. Foi o que Colling (2008) fez posteriormente, em seu texto *Aquenda a metodologia! Uma proposta a partir da análise de avental todo sujo de ovo*. A metodologia explicada naquele texto é a que utilizaremos nesse trabalho.

A partir dos estudos de Moreno (2001) e Peret (2005), o grupo CUS desenvolve o seu trabalho, mas ele recebe uma maior influência da teoria queer. O diferencial encontrado nas análises do grupo, em relação aos dois pesquisadores citados acima, consiste na crítica aos personagens representados no modelo considerado heteronormativo. Os dois pesquisadores, por sua vez, elogiam esse tipo de representação e criticam os personagens estereotipados/afeminados inseridos nas tramas televisivas.

Colling (2008) desenvolveu a hipótese que o personagem afeminado, quando humanizado, não reduplica a homofobia. Ele demonstrou isso a partir da análise da peça teatral *Avental todo sujo de ovo*, de Marcos Barbosa. Para Moreno (2001), a representação do estereótipo da “bicha” com suas “fechações” reduplica a homofobia, causando sempre, assim, risos perversos e perturbadores. Colling utilizou o conceito de corpos abjetos, formulado por Judith Butler, para afirmar que humanizado é aquele “personagem que não é abjeto” (COLLING; SANCHES, 2008, p.2). Butler afirma que os corpos abjetos são aqueles que não têm importância. Ela reafirma: “é a sua própria humanidade que se torna questionada” (BUTLER, 2001, p. 161). Dessa forma, é possível considerar que “uma representação é humanizada quando a personagem possui uma história familiar e/ou psicológica complexa e que ela não seja, por exemplo, apenas um fantoche provocador de risos perversos” (COLLING; SANCHES, 2008, p. 3).

A abjeção dos corpos é algo que “não se restringe de modo algum a sexo e a heteronormatividade. Relaciona-se a todos corpos cujas vidas não são consideradas *vidas* e cuja materialidade é entendida como *não importante*” (PRINS e MEIJER, 2002, p. 161).

Portanto, podemos pontuar diversos casos de abjeção. Exemplo disso seriam os corpos e as vidas dos palestinos para os judeus, dos homossexuais para os homofóbicos e até mesmo dos negros para os racistas. Conclui-se, então, que a abjeção e a desnaturalização desses sujeitos está ligada aos preconceitos e à segregação sócio-cultural.

Sobre o referencial teórico utilizado na metodologia desenvolvida por Colling, é interessante pontuar que o conceito de identidade/representação da perspectiva pós-estruturalista está próximo de nosso estudo. “A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito” (WOODWARD, 2007, p. 17). Tadeu da Silva desenvolve as explicações do conceito de representação e afirma que essa concepção pode ser expressa por pinturas, fotografias, filmes, ou seja, nunca é uma representação mental ou interior (subjativa), mas sempre uma marca visível e exterior (objetiva). Ele conclui: “(...) é, como qualquer sistema de significação, uma forma de atribuição de sentido. Como tal, a representação é um sistema lingüístico e cultural. Arbitrário, indeterminado e estreitamente ligado a relações de poder” (SILVA 2007, p. 91).

Stuart Hall apresentou a concepção de representação ao revisar a conceituação de ideologia e representação elaborada por Althusser. “É dentro dos sistemas de representação da cultura e através deles que nós ‘experimentamos o mundo’: a experiência é o produto de nossos códigos de inteligibilidade, de nossos esquemas de interpretação” (HALL, 2003, p. 171). Ferdinand Saussure, embebido das idéias semióticas, nos expõe que a linguagem é um dos principais meios de representação. “Falar uma língua não significa apenas expressar nossos pensamentos mais interiores e originais; significa também ativar a imensa gama de significados que já estão embutidos em nossa língua e em nossos sistemas culturais” (SAUSSURE *apud* HALL, 2006, p.40).

Essas perspectivas abordadas pelos autores condescendem com a idéia de que a linguagem com suas representações e significados não apenas constata e expõe algo, mas também faz com que esses códigos sejam apresentados de forma inexorável. Então,

uma representação televisiva não é apenas uma mimetização da realidade, mas também é um fator que ambiciona e provoca reação pela forma que foi representada.

O grupo CUS estará aplicando a metodologia criada por Colling nas análises de todas as novelas exibidas pela Rede Globo que tenham em suas tramas personagens não heterossexuais. O leitor vai perceber até o final desse trabalho que a qualidade da pesquisa consistirá na comparação entre as análises realizadas. Comprendemos que a análise individual é proveitosa, mas pouco reveladora e intensa da representação como um todo. Todavia, quando todas as análises estiverem prontas será possível ter um quadro abrangente e geral, criando, assim, novas análises capazes de demonstrar uma maior carga significativa. A partir de agora, apresentamos a análise do personagem homossexual Orlandinho Queiroz, na novela *A Favorita*.

Análise

Dados gerais do produto

Título: *A Favorita*

Autor: João Emanuel Carneiro

Diretor: Ricardo Waddington

Elenco principal: Patrícia Pilar (Flora Pereira da Silva), Claudia Raia (Donatela Fontini), Mariana Ximenes (Lara Fontini), Carmo Dalla Vecchia (Zé Bob), Mauro Mendonça (Gonçalo Fontini), Glória Menezes (Irene Fontini), Murilo Benício (Dodi).

Elenco lidado à homossexualidade: Iran Malfitano (Orlandinho Queiroz), Cauã Reymond (Halley), Deborah Secco (Maria do Céu), Sueli Franco (Dona Geralda), Luis Bacelli (Darcy Queiroz).

Tempo de Exibição: de 02 de Junho de 2008 a 16 de Janeiro de 2009. Ao total, foram 197 capítulos, exibidos sempre às 21h. Cada capítulo tinha duração de 60 minutos, exceto às quartas-feiras.

Resumo do enredo:

A trama inicia em São Paulo, com a saída de Flora (Patrícia Pilar) da prisão. Ela tinha sido condenada a 18 anos de reclusão, por ter matado seu amante, Marcelo Fontini. Flora tenta se aproximar da família Fontini justificando que todos estavam errados sobre a autoria do crime e afirma que quem matou Marcelo foi a esposa dele,

Donatela Fontini (Claudia Raia). Donatela, por sua vez, tem outra versão para a morte de Marcelo e continua afirmando que Flora é a culpada pelo assassinato. Duas histórias para o mesmo crime, esse é o dilema presente na novela *A favorita*. A filha de Flora e Marcelo é Lara Fontini (Mariana Ximenes), que está com 18 anos de idade e é a única herdeira da herança. Ela foi criada pela sua madrasta Donatela e por seus avós Gonçalo (Mauro Mendonça) e Irene (Glória Menezes). Lara nunca teve contato com sua mãe biológica, pois todos acreditam que Flora era a verdadeira assassina. Com a ajuda de Silveirinha (Ary Fontoura) e Irene, Flora reúne provas contra Donatela e consegue colocar sua rival na prisão.

No decorrer da trama os telespectadores descobrem que quem matou Marcelo foi Flora e não Donatela, portanto, as provas que foram apresentadas eram forjadas. Na cadeia, Donatela conhece Diva (Giulia Gam), que cria um plano para as duas fugirem. Ao fugir da prisão, Donatela é dada como morta e esse fato ajudou na busca incessante de vingança contra Flora. Nesse meio tempo, Flora vai morar no Rancho dos Fontini e torna-se da família, chegando até a trabalhar na empresa Fontini. No entanto, sua filha Lara ainda tinha dúvidas sobre a sua conduta. A trama gira em torno do plano da vilã Flora em roubar a fortuna dos Fontini e da luta de Donatela para provar a sua inocência.

A temática da homossexualidade é instalada no enredo quando Halley (Cauã Reymond), que é um malandro, conquistador barato que faz tudo pra se dar bem na vida, finge ser um antigo amigo do jovem milionário Orlandinho Queiroz (Iran Malfitano). O espertalhão busca se aproximar de Orlandinho pensando em tirar proveito da fortuna do rapaz. Os seus planos dão errado porque Alicia (Tais Araújo) descobre o golpe e começa a chantageá-lo. Ela manda Halley se fingir de gay para que Orlandinho se interesse por ele. O plano de Alicia era fazer com que o nome de Orlandinho aparecesse na mídia como o jovem milionário que assumiu a sua homossexualidade, mas o foco era atingir seu ex-namorado, que era homônimo da família Queiroz. Para se aproximar de Orlandinho, Halley finge sair do armário e começa a usar roupas que o caracterizavam como um homossexual estereotipado. Orlandinho se sensibiliza com a revelação de Halley e o apóia, sem saber que tudo era uma farsa. Em outro núcleo da novela, projetado na cidade fictícia de *Triunfo*, a personagem Stela (Paula Burlamaqui) vive uma lésbica que se apaixona por sua melhor amiga Catarina (Lília Cabral).

No decorrer da trama, a relação de amizade foi dando espaço para uma forte atração de Orlandinho por Halley. O fato de Halley fingir estar fora do armário encorajou Orlandinho a assumir a sua homossexualidade perante os outros personagens.

Ao sair do armário, o jovem esperava que Halley estivesse disposto a manter uma relação amorosa com ele, mas isso não ocorreu. Quando o plano de Alicia dá errado, Halley começa a parar com as mentiras em relação a sua sexualidade e, a partir daí, ele se afasta de Orlandinho, por não querer estar próximo de um gay. Orlandinho, em muitos momentos, segue Halley e sempre declara seu amor publicamente, mas essa relação não se concretiza.

Darcy, o pai de Orlandinho, descobre que seu filho está apaixonado por um rapaz e, então, o empresário resolve internar o filho numa clínica de reabilitação para que ele se livre dessa “*conduta desviante*”. Orlandinho passa pouco tempo nessa clínica e, ao sair, o pai dele resolve contratar uma garota de programa para *salvar* a alma de seu filho. É nesse momento do enredo que Orlandinho conhece Pâmela, pseudônimo de Maria do Céu. Os dois se tornam amigos. No início, Orlandinho não se interessa pela garota e propõe a ela que eles se casem para que ele possa viver em paz, sem ter que dar satisfações de sua vida pessoal à sua família. Maria do Céu aceita, mas o que ele não sabia era que ela mantinha um relacionamento sexual com Halley. Ao descobrir tudo, Orlandinho faz a proposta de viverem num triângulo amoroso (entre ele, Maria do Céu e Halley), proposta essa que é negada por Halley. Maria do Céu e Orlandinho se casam para manter as aparências sobre a sexualidade do rapaz e, na noite de núpcias, Orlandinho surpreende ao manter relações sexuais com ela. A partir daí, Orlandinho se defronta com o dilema da sua identidade sexual.

Após ter saído do armário e se auto-afirmar gay, Orlandinho se interessa por Maria do Céu, por quem ele supre um enorme desejo. Mas como ministrar esse dilema? O personagem fica confuso com a situação. Num certo momento da narrativa de *A Favorita*, o personagem chega a um *conflito de identidade*, amando Halley e Maria do Céu ao mesmo tempo. No seguimento da trama, Maria do Céu engravida, mas diz não saber quem é o pai. Orlandinho sabe que o filho não é dele, pois a garota se relacionou com Cassiano (Thiago Rodrigues) e Halley ao mesmo tempo.

Orlandinho resolve assumir a paternidade do filho de Maria do Céu e, com o passar do tempo, a relação deles ganha intensidade. Ao final da trama, Orlandinho e Maria do Céu resolvem assumir um relacionamento amoroso. Durante a novela, Maria do Céu se apaixona por Orlandinho e sofre por não saber se ele a ama. Nos últimos capítulos, Orlandinho resolve declarar sua paixão por Maria do Céu e afirma que ela é a única mulher que ele ama. Ao final da trama, nasce o filho de Maria do Céu e Halley,

instalando assim um clima de união entre os três personagens, já que Orlandinho demonstrou o interesse de cuidar do filho da sua esposa.

Aspectos fixos dos personagens homossexuais:

“Posição do personagem no enredo: se é principal, coadjuvante, se faz ponta, figuração, citada ou recorrida.” (Moreno, 2001, p.167).

O personagem Orlandinho Queiroz é coadjuvante na trama de *A Favorita*. Ele surge como um garanhão que *pega geral*, andando sempre rodeado por lindas mulheres. O personagem ganha destaque quando ele começa a se interessar por um antigo amigo de escola. Com o desenrolar da trama, o personagem se envolve, em um curto prazo, num triângulo amoroso com Maria do Céu (Deborah Secco) e Halley (Cauã Reymond). Com o passar do tempo, ele desenvolve uma crise de identidade sexual ao revelar que é gay, mas que sente atração por mulheres. Em entrevista ao *Correio da Tarde*, de (07/01/2009), Iran Malfitano disse estava feliz com a evolução do personagem. “Eu não esperava que fosse ter essa reviravolta. Eram para ser dois capítulos, mas foram 30! O personagem ganhou corpo e disseram que eu não iria mais sair da novela. Isso para mim foi maravilhoso” (CORREIO DA TARDE, 2009).

“Contexto social do personagem: a que classe ele pertence” (Moreno, 2001, p.167):

Orlandinho é milionário e o único herdeiro da maior fábrica de suco de laranja do Brasil. Portanto, ele pertence à classe alta. É possível afirmar isso ao verificar seus objetos pessoais. Ele tem um apartamento de luxo, carro importado e sempre anda fazendo compras no shopping. O núcleo da novela na qual Orlandinho pertence está vinculado à alta classe paulistana e, na maioria das cenas, o personagem está ligado a algum local vinculado ao alto poder aquisitivo.

Cor: Branco

Profissão: Piloto de fórmula 3 e lutador de jiu-jítsu. As ocupações de Orlandinho estavam sempre ligadas aos seus *hobbies*. A narrativa demonstra que o personagem não tem necessidade de ter uma ocupação remunerada, pois, como já foi abordado, ele herdeiro de uma fortuna.

Aspectos da linguagem utilizada e da composição geral do personagem:

Tipos de gestualidade:

- 1) **Estereotipada, com gestual explícito que caracteriza de forma debochada e desrespeitosa a personagem homossexual, lésbica, travesti, transformista, transexual, transgênero, intersexo e bissexual;**
- 2) **Gestualidade típica de alguns sujeitos queer, especialmente os adeptos de um comportamento/estética camp;**
- 3) **Não estereotipada (gestual considerado “normal” e “natural”, sem indicação de que é homossexual, lésbica, travesti, transformista, transexual, transgênero, intersexo ou bissexual; inscrito dentro de um comportamento heterossexual);**

A gestualidade de Orlandinho não caracterizaria completamente um sujeito queer. Ele também não demonstra uma cristalização de um comportamento/estética camp. Mas alguns aspectos de seu comportamento o incluíam no número 2 de nossa metodologia. Sua gestualidade oscilava entre o queer/camp com suas *afetações* e, ao mesmo tempo, tinha uma gestualidade considerada normal, sem *afetação*. Dessa forma, o personagem possuía uma gesticulação ambígua e transitória, o que reforçaria bem a concepção de uma gestualidade com características queer. Porém, devo alertar que "o camp, nas suas origens, não pode ser chamado de fundamentalmente gay, mas especialmente nesse século tornou-se um elemento definidor, sem ser totalizador, da identidade homossexual" (LOPES, 2002, p.94). A transitóriedade gestual de Orlandinho o caracteriza como um queer em relação a ambiguidade comportamental, porém, essa afirmação fica mais consistente numa ampla análise do personagem.

“Subgestualidade: compreende o vestuário, maquiagem e adereços utilizados/usados pela personagem” (Moreno, 2001, p. 167):

A subgestualidade de Orlandinho também é considerada ambígua. Nas roupas ele adota camisas coladas ao corpo, realçando as formas corporais e também usa calças *jeans* justas. Seu cabelo é grande, próximo aos ombros. O personagem usa uma correntinha no pescoço como acessório. No conjunto de peças usadas pelo personagem, ele adota o comportamento e estética de alguns gays norte-americanos da década de 70, que tinham um corpo cheio de músculos após meses de academia. Essa prática é

realizada em ainda hoje por muitos gays por todo o mundo muitos países. Portanto, a valorização estética é recorrente nesse personagem.

Análise de seqüências: “É um recurso para detalhar mais as ações de um filme (em nosso caso a telenovela ou as peças) e explicitar o seu conteúdo de forma minuciosa, como diante de uma lente de aumento.” (Moreno, 2001, p. 168):

A cena analisada traz questões sobre a identidade de gênero do personagem Orlandinho. Os personagens Orlandinho e Maria do Céu passam 24 horas transando num quarto.

Cena 1: Maria do Céu e Orlandinho estão transando num quarto por 24 horas.

Maria do Céu: Orlandinho, não Orlandinho, Orlandinho pelo amor de deus Orlandinho, você passou a madrugada inteira comigo, o dia já está clareando, Orlandinho me larga, por favor, me deixa comer, ah! Eu tenho que reabastecer minhas energias, eu tô morrendo de fome.

Orlandinho: Vai dizer que você não se divertiu comigo, hein? Vai dizer que você não adorou passar a noite vadiando?

M.C: Só que eu acho que você que tem um detalhe que você não está levando em consideração. Eu sou mulher Orlandinho. Será que você deixou de ser gay?

O: Que absurdo, Céu! Como você deixou de ser gay, hein? Sexo meu amor é uma necessidade como outra qualquer, tá legal? Não é só por isso que eu... Vai gata o que você quer comer, hein? Que eu tô indo lá na cozinha fazer um rango pra gente.

M.C: Nossa! Bermuda. Vai gata o que você quer comer? Que eu tô indo... Orlandinho você tá virando macho.

O: O que é isso, Céu? Não brinca com coisa séria, você acha que eu tô deixando de dar pinta?

M.C: *(Balança a cabeça, em sinal de positivo)*

O: Pára de me rogar praga, viu? Sua bruxa, sua dinossaura, olha aqui, Céu, eu vou avisar uma coisa pra você: eu sou gay, tá legal? E tá pra nascer o cara mais gay do que eu. *(Orlandinho veste um roupão estampado)*

Geralda: Ô, criançada!! Vocês estão mais de 24 horas trancados aí dentro desse quarto, vão viver só de amor, é? Olha, vamos esquecer esses hormônios pra não morrer

de fome, fiz mingau de fubá e gemada de ovo de codorna pra vocês, vem logo! (*Aos gritos*).

O: Tá bom, vó. A gente já vai! Céu, até a vó Geralda percebeu que a gente ficou preso nesse quarto por mais de 24 horas.

M.C: Agora me diz, você acha mesmo normal um gay trancado com uma mulher 24 horas?

O: Você está querendo acabar com a minha vida, né? Você tá querendo... Imagine quando meus amigos souberem disso? É Céu, porque agora eu tenho amigo gay, agora sim eu tenho amigo gay e, olha, não foi fácil fazer amizade não, viu? Eu cortei um dobrado pra arrumar essa turma. Eu tive que começar a entender sobre a semana de moda de Paris e tive que entender sobre a dependência química das top models, pra poder ter conversa com esses meus amigos, eu tive que malhar Céu, dois meses e meio pra ter esse bíceps aqui (*mostra o bíceps*).

M.C: Tá vendo só, Orlandinho, meu amor, você nunca gostou desses assuntos, isso é porque você não é gay.

O: Que absurdo, hein, Maria do Céu?! Eu sou gay sim, tá legal? Eu sou gay, eu sou muito gay. Estamos entendidos? (*diz aos gritos*) (*Entra fundo sonoro, música tema do personagem*).

Na análise da cena é possível detectar a existência de um conflito de diferentes perspectivas de sexualidade. Maria do Céu acredita que um indivíduo do gênero masculino que se auto-afirme homossexual, ao manter relações sexuais com uma mulher heterossexual, deixará de ser gay. Fica evidente na cena que a personagem pensa a sexualidade através de um modelo heteronormativo. Maria do Céu concorda com a idéia de que a sexualidade é um dado natural. Dessa forma, ela reforça a linha coerente que sustenta a heteronormatividade. Sobre essa premissa heterossexita, Louro (2004) afirma:

Ela supõe e institui uma conseqüência, ela afirma e repete uma norma, apostando numa lógica binária pela qual o corpo, identificado como macho ou fêmea determina o gênero (um de dois gêneros possíveis: masculino ou feminino) e leva a uma forma de desejo (especificamente, o desejo dirigido ao sexo/gênero oposto) (p.80).

Outro aspecto a ser analisado é que a personagem de Maria do Céu conseguiu demonstrar como muitas pessoas condescendem com a heteronormatividade

compulsória e de que forma elas agem na sociedade em relação ao binarismo heterossexual/homossexual. Dessa forma, "a partir do momento em que o heteronormativo está presente, as outras identidades são marginalizadas" (SANCHES; SANT'ANA, 2008, p. 5). E, para concluir, "a mídia nesse contexto reitera os binarismos da sociedade moderna existentes há séculos. Esse reforço de discursos dicotômicos homem/mulher ou heterossexual/homossexual legitima o preconceito existente na formação do indivíduo" (ibidem, p.3).

Na cena analisada podemos perceber que Orlandinho altera sua gestualidade com frequência, tornando-se um sujeito de características ambíguas e contraditórias. Além disso, verificarmos que ele demonstra um comportamento convincente em relação à sexualidade em *trânsito*. A cena também teve um tom crítico ao falar das práticas realizadas por Orlandinho para ser reconhecido como participante da comunidade gay de São Paulo. Ele, ao falar da necessidade de sair do armário para ser aceito no grupo, demonstrou o que Sedgwick (2007) identificou em seu artigo *A epistemologia do armário*. Nesse texto, a autora afirma que o homossexual sofre com a decisão de revelar ou não sua sexualidade aos outros, pois a revelação causa um conflito entre o público e o privado.

O armário gay não é uma característica apenas das vidas de pessoas gays. Mas, para muitas delas, ainda é a característica fundamental da vida social, e há poucas pessoas gays, por mais corajosas e sinceras que sejam de hábito, por mais afortunadas pelo apoio de suas comunidades imediatas, em cujas vidas o armário não seja ainda uma presença formadora (SEDGWICK, 2007, p.22).

Mas também devemos analisar que a cena, em alguns aspectos, utilizou do estereótipo da bicha, para associar aos homossexuais como um todo, que ser gay é gostar de moda e também é estar sempre *atenado* com as fofocas sobre os artistas e famosos. Nessa parte, a representação de Orlandinho forjou um tom até debochado sobre como os gays são. Não quero aqui dizer que não existem gays assim, porém, temos que lembrar que as representações midiáticas exercem um poder enorme sobre os indivíduos. "[...] As representações midiáticas tornam-se agentes ideológicos poderosos - capazes de implantar nas sociedades e nos indivíduos, um discurso mimético e repronarrativo" (SANCHES; SANT'ANA, 2008, p. 6).

Características gerais da personalidade do personagem: criminoso, violento, psicopata, saudável, calmo etc.:

Orlandinho é considerado saudável, pacifista e calmo. Em nenhum momento da narrativa ele demonstra agressividade em relação aos outros personagens, apenas em uma cena ele agrediu dois rapazes que o insultaram por ele ser gay. A não ser por esse episódio da briga com os rapazes, as características de Orlandinho são consideradas marcantes pela sua complacência e gentileza para com os outros.

Personagem se apresenta (assume verbalmente) como: gay, lésbica, travesti, transformista, transexual, transgênero, intersexo, bissexual:

Logo no início da novela, no capítulo do dia 04/06/2008, Orlandinho se identifica como heterossexual convicto e apresenta uma performatividade de gênero masculina. Sempre visto com mulheres e com um histórico de muitos namoros, Orlandinho só declara sua homossexualidade após o convívio com seu amigo Halley, que fingiu sair do armário. O jovem se sensibiliza com a atitude de Halley e o apóia. A partir daí, ele começa a gostar do seu amigo e se assume gay numa cena exibida no dia 14/06/2008.

Aspectos sobre a sexualidade do personagem

Em que ponto da narrativa fica claro que o personagem é homossexual, lésbica, travesti, transformista, transexual, transgênero, intersexo, bissexual?

O personagem se apresentou no início da novela como heterossexual, *garanhão*, sempre rodeado de lindas mulheres, mas, ainda nas suas primeiras cenas, ele demonstrou sua homoafetividade em relação a um amigo. A auto-afirmação gay foi algo que demorou um pouco para surgir, mas, assim que revelou a sua homossexualidade, o personagem Orlandinho declarou estar apaixonado por seu amigo Halley. O personagem então passou a se declarar gay uma semana depois do seu surgimento na trama. A partir daí ele começou a agir como alguns membros da comunidade gay, caracterizados pela fragilidade e passividade, porém, com o desenvolver da trama, há uma mudança de comportamento no personagem.

Como se dá a performatividade de gênero? Que normas ou conjunto de normas o personagem reitera e/ou reforça?

Michel Foucault, em seus estudos, conseguiu identificar como as normas regulatórias agem sobre os corpos dos indivíduos, fabricando, assim, corpos *dóceis* ou

domesticáveis. “(...) o corpo é objeto de investimentos tão imperiosos e urgentes; em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limites, proibições ou obrigações” (FOUCAULT, 1987, p.118).

A partir dessa formulação de corpos domesticados ou, como diria Foucault, corpos adestrados, é possível compreender que os discursos preenchem os corpos no decorrer da história da humanidade. Esses discursos instalam nos corpos normas de comportamento e estética. Para Butler, as normas se materializam no corpo através da institucionalidade do sexo. Para ela, o sexo é uma das principais normas reguladoras dos corpos.

O ‘sexo’ é, pois, não simplesmente aquilo que alguém tem ou uma descrição estática daquilo que alguém é: ele é uma das normas pelas quais o ‘alguém’ simplesmente se torna viável, é aquilo que qualifica um corpo para a vida no interior do domínio da inteligibilidade cultural (BUTLER, 2001, p. 154-155).

Essa afirmação de Butler retoma a questão da identidade sexual como a primeira identidade do indivíduo. A partir daí, esse corpo ganha significado dentro da cultura, e esse corpo materializado passa a ter discursos vindos das mais diversas instituições, da ciência, Igreja, família e até mesmo do senso comum. "A marca do gênero qualifica os sujeitos e lhes confere reconhecimento como humanos e, ainda, é a nossa identidade primeira" (PINO, 2007, p 157). O que está em questão não é negligenciar a existência da materialidade dos corpos e dos sexos, mas, sim, descrever como as normas constroem os sujeitos. Dessa forma, o que nos interessa é saber como “os processos e as práticas discursivas que fazem com que aspectos dos corpos se convertam em definidores de gênero e de sexualidade e, como consequência, acabem por se converter em definidores dos sujeitos" (LOURO, 2004, p. 80).

Ao ganhar significação e materialização, o corpo é habilitado para seguir normas impostas a ele. Seguindo essa linha, o sexo e o gênero adquirem o caráter performativo. Judith Butler (2001) formulou a teoria da performatividade de gênero. Para a autora, o sexo é performativo e ela afirma que o ato de repetir as normas da heterossexualidade faz com que o corpo esteja preso às normas do imperativo heteronormativo. “A performatividade não é, assim, um ato singular, pois ela é sempre uma reiteração de uma norma ou conjunto de normas” (BUTLER, 2001, p. 167). Então, é possível analisar uma representação a partir da performatividade e das normas usadas por ela. Seguindo essa linha, as práticas discursivas que constroem os sujeitos sedimentam nos corpos as características necessárias para que os indivíduos efetuem a performatividade de gênero.

A estética e o comportamento são duas grandes ferramentas que gerenciam o modelo de performatividade assumido pelo corpo. Por isso, as normas regulatórias trilham o caminho da inteligibilidade e da não contestação.

É possível identificar a ação da performatividade nos corpos através das práticas culturais, por exemplo: as roupas, a gestualidade e até mesmo na higienização dos corpos (no corte do cabelo, pêlos e unhas). Todas essas características citadas são normas atribuídas aos gêneros (masculino e feminino) inseridos na matriz heterossexual. Essas normas incidem sobre os corpos e indicam a “existência” de uma *diferença sexual* que é reiterada através dos papéis sociais. “Assim, os corpos são nomeados social, simbólica e materialmente – pelo próprio sujeito e pelos outros. É pouco relevante definir quem tem a iniciativa dessa “marcação” ou quais suas intenções, o que importa é examinar como ocorrem esses processos e os seus efeitos” (LOURO, 2004, p.83). A partir dessa afirmação de Guacira Lopes Louro, compreendemos que uma representação possui uma carga simbólica e material no que diz respeito à performatividade. Trilhando esse método, iremos verificar como foi apresentada a performatividade de Orlandinho Queiroz em *A Favorita*.

Nas primeiras cenas da novela *A Favorita* em que a temática gay foi abordada, um questionamento foi suscitado. Críticas foram realizadas em relação ao comportamento exposto pelo personagem Halley – que, naquele momento, estava representando um gay que tinha acabado de sair do armário. E de Orlandinho, por ser um gay enrustido e bonzinho. O jornalista Marcelo Marthe, da revista *Veja*, afirmou que a representação era a de um gay patético. “Esse detalhe faz dele uma novidade nas novelas das 8. De personagens tabus, os homossexuais se converteram num clichê nessas novelas nos últimos cinco anos – e sempre sob enfoque positivo” (MARTHER, 2008). Ele também comentou que a novela reforçaria o estereótipo do gay.

Num primeiro momento, a representação de Halley demonstrou de forma equivocada que o homossexual, ao sair do armário, transformaria completamente seu comportamento e sua estética. Mas, por outro lado, as críticas realizadas por Marcelo Marther são inconsistentes, porque ele, de certa forma, ignorou a existência de uma camada da comunidade gay que tem um comportamento *camp*. Denílson Lopes, em seu ensaio *Terceiro manifesto camp*, explica o conceito. “O termo camp é de difícil tradução para o português, ainda que muito presente na nossa cultura. Como comportamento, o camp pode ser comparado à fecheação, à atitude exagerada de certos homossexuais, ou simplesmente à afetação” (LOPES, 202, p. 95).

A performatividade de Orlandinho também recebeu muitas críticas durante a exibição da novela. Inicialmente, o personagem ficou conhecido como o gay enrustido de *A Favorita*, como foi publicado em vários textos na mídia brasileira. Porém, as maiores críticas foram proferidas após uma mudança de rumo no comportamento do personagem. Ao casar com Maria do Céu, ele passou a apresentar um "conflito de identidade sexual" e, a partir daí, Orlandinho começa a desejar mulheres e homens ao mesmo tempo. Contudo, a novela não abordou a existência de uma identidade bissexual.

Inicialmente, a performatividade de Orlandinho foi questionada por demonstrar sensibilidade e fragilidade de forma exacerbada. Além disso, a intensidade das críticas provavelmente fez com que o personagem ganhasse ascensão entre os temas debatidos na novela.

A compreensão de sexualidade exposta por Orlandinho é de um indivíduo com algumas características queer. O personagem acredita na possibilidade de subversão das normas. Mesmo ele preso ao binarismo do gênero, na sua performatividade, existe a probabilidade (nas suas falas) de transitoriedade no desejo e nas práticas sexuais. Ou seja, ele demonstra que essa linha do imperativo heterossexual pode ser contestada e desestabilizada. Ele demonstra (verbalmente) que a linha coerente que sustenta a heterossexualidade compulsória é instável e que pode ser subvertida. O gênero masculino do personagem não impede que ele verbalize sua homossexualidade e que, ao mesmo tempo, mantenha práticas sexuais com uma mulher. Os aspectos queer do personagem, de certa forma, só ficam no campo verbal e não nas atitudes.

O modelo de performatividade seguido por Orlandinho não busca rejeitar as normas regulatórias dos gêneros. Ele não subverte a forma de se vestir, comportar ou até mesmo de se relacionar. O pesquisador Luiz Eduardo Neves Peret, em entrevista à revista *A Capa*, afirmou que: O problema, novamente, foi ele ter suscitado a possibilidade de uma discussão séria sobre um tema muito delicado, porque algumas pessoas acharam que ele reproduzia uma imagem da "realidade" (MAGALHÃES, 2009).

A afirmação de Peret aciona essa polêmica sobre o modelo de performatividade do personagem. É possível concluir que essa representação reforça a heteronormatividade presente nos personagens gays das novelas. Os papéis de gênero e a sexualidade são expostos de forma ambígua e não condescendem com as cenas exibidas no enredo desse personagem.

Resumo conclusivo e redutor sobre a representação dos homossexuais na sociedade:

Resultado 1: forte carga de estereótipos e outras características que contribuem para a reduplicação dos preconceitos e da homofobia;

Resultado 2: caracteriza os personagens com alguns elementos da comunidade queer, constrói um tratamento humanístico e contribui para o combate aos preconceitos e a homofobia;

Resultado 3: caracteriza os personagens dentro de um modelo heteronormativo que contribui para a reduplicação dos preconceitos e da homofobia;

Resultado 4: caracteriza os personagens dentro de um modelo heteronormativo, mas constrói um tratamento humanístico e contribui para o combate aos preconceitos e a homofobia.

Resultado 5: indica uma representação dúbia e produz dúvida sobre o tratamento dado.

A representação da homossexualidade em *A Favorita* foi algo muito debatido durante a exibição da novela. O autor João Emanuel Carneiro tratou do assunto inicialmente de forma imatura no que diz respeito à identidade do homossexual. O personagem Orlandinho Queiroz foi humanizado em relação à sua sexualidade. O tratamento dado à temática gay trouxe questionamentos sobre a possibilidade de um relacionamento de um gay com uma mulher heterossexual e até mesmo sobre o comportamento do gay na sociedade. No entanto, isso ainda ocorreu de uma forma superficial. Apesar disso, concluo que o personagem analisado se enquadra no resultado 4 de nossa metodologia. O personagem foi humanizado ao construir um histórico de necessidade afetiva, além de demonstrar um comportamento ético em relação aos outros personagens da trama. Porém, mesmo com essa carga humanística, ele se enquadrou em um modelo heteronormativo de representação.

Essa afirmação só foi possível devido a alguns aspectos que merecem ser questionados. Primeiro, o personagem, em nenhum momento, expressou a necessidade de uma relação homoerótica, seus questionamentos sobre a homossexualidade permeavam o que se considera homoafetividade. O ator Iran Malfitano chegou até a declarar, em entrevista ao jornal *O Estado de São Paulo*, que o personagem vivido por

ele não era gay e que os sentimentos de Orlandinho eram confusos. A reportagem publicada também trouxe questionamentos sobre a possibilidade de existir um sujeito ex-gay.

No começo, o Orlandinho era homem. O que ele não aturava mais era a futilidade, ter de estar com alguém por causa de dinheiro. E ficou achando que seu caminho poderia ser o do Halley. Mas ele é um cara carente - não queria passar a mão no tanquinho. Queria ficar com o Halley pela companhia. Mas ele não encontra no mundo gay a felicidade que esperava (VILLALBA, 2008).

A afirmação do ator nos induz a acreditar que o personagem participava do que ele chamou de "mundo gay". Porém, em nenhum momento da narrativa de *A Favorita* o personagem demonstrou essa participação em alguma comunidade homossexual.

O segundo aspecto a ser questionado é sobre o reforço do binarismo heterossexual/homossexual. A mídia brasileira veiculou muitas reportagens sobre o desfecho do personagem Orlandinho. Em sua maioria, as publicações relacionavam o personagem a um ex-gay. Usando um jargão jornalístico, é possível que o público tenha *pautado*² a mudança do enredo de Orlandinho. As reportagens e entrevistas relacionadas ao tema sempre destacavam que o público queria ver no final da novela. Dessa forma, não houve uma possibilidade do personagem manter uma relação homoerótica com Halley ou com qualquer outro personagem masculino da novela. Portanto, a novela caminhou no sentido de reforçar os discursos dicotômicos sobre o gênero e a sexualidade. Portanto, a representação de Orlandinho estava presa e esse discurso dualista entre ser hetero ou ser homo, excluindo completamente a existência de uma identidade sexual alternativa.

O presidente do GGB (Grupo Gay da Bahia), Marcelo Cerqueira, ao ser entrevistado sobre a representação de Orlandinho, disse: "(...) É frustrante ver um personagem que caminhava tão bem, mudar de uma forma tão abrupta. Isso nos decepciona, faz parecer um pouco de deboche. Se ele se descobrisse bissexual seria mais crível" (CARVALHO, 2008).

A inexistência de diálogos sobre bissexualidade no enredo permitiu que o binarismo de gênero se perpetuasse nas falas dos personagens. Maria do Céu, D.

² Na teoria do jornalismo sobre o agenda-setting, formulada por Max MacCombs na década de 1970, o autor afirma que a mídia tem o poder de pautar a agenda de discussões da sociedade. "Conclui-se, assim, que a influência do agendamento por parte da mídia depende, efetivamente, do grau de exposição a que o receptor esteja exposto, mas, mais que isso, do tipo de mídia, do grau de relevância e interesse que este receptor venha emprestar ao tema (...)" (HOLHLFELDT et. al, 2001, p.200)

Geralda e Darcy, do núcleo familiar de Orlandinho, fomentaram esse discurso em muitas cenas. Ao falarem "Você tá virando macho" ou "será que você deixou de ser gay?" conferem bem essa conduta heteronormativa dos personagens no enredo.

Um terceiro aspecto a ser analisado: a identidade homossexual não foi debatida na novela. O recurso utilizado pelo autor João Emanuel Carneiro foi dar veracidade à relação entre Orlandinho e Maria do Céu e foi assim que se iniciou um processo de heterossexualização do personagem. Então, a conclusão de que Orlandinho se enquadra num modelo de heteronormatividade também pode ser averiguada através do final do personagem que, depois de casar por conveniência, se apaixona por uma mulher. Os papéis de gênero desempenhados por Orlandinho e Maria do Céu estão inseridos no modelo heteronormativo. Os personagens não chegam a subverter as normas regulatórias do sexo e, por isso, eles se adequaram aos perfis de gêneros binários (masculino/feminino).

Mesmo tendo uma relação heterossexual, esses personagens poderiam transgredir as normas impostas aos gêneros. Numa abordagem *queer*, os sujeitos se rebelam contra as normas e fazem transgressões para com os papéis de gênero. A partir dessa revolução na sexualidade, esses sujeitos são marcados pelo poder e são marginalizados pela sociedade, que fabrica a abjeção.

Aqueles e aquelas que transgridem as fronteiras do gênero ou da sexualidade, que as atravessam ou que, de algum modo, embaralham e confundem os sinais "próprios" de cada um desses territórios são marcados como sujeitos diferentes e desviantes. (...) Acabam por ser punidos, de alguma forma, ou, na melhor das hipóteses, tornam-se alvo de correção (LOURO, 2004, p.87).

O comportamento *queer* não foi identificado na análise na novela *A Favorita*. O personagem Orlandinho tem pouco a contribuir para um questionamento político sobre as representações culturais dos homossexuais na mídia brasileira. A tentativa de João Emanuel Carneiro de apresentar um "novo gay" foi interessante, mas não desenvolveu uma reflexão profunda sobre a homossexualidade na sociedade brasileira. Num prisma *queer*, essa representação não tem muito a nos oferecer. No entanto, um personagem homossexual na novela sempre traz à tona o debate sobre essa temática. Um outro texto irá analisar a representação da homossexualidade feminina na novela *A Favorita*. Ele também faz parte da ampla pesquisa realizada pelo grupo Cultura e Sexualidade.

Considerações finais

A homossexualidade representada na novela *A Favorita* pelo personagem Orlandinho Queiroz trouxe questionamentos até mesmo entre o público gay, sobre os limites discursivos da identidade sexual. Vale ressaltar que é possível sim um homossexual manter um relacionamento afetivo com uma mulher. Guacira Lopes Louro (2004), ao fazer uma reflexão sobre a positivação da representação do gay, afirma que toda representação em si é normativa. As normas expressas pela autora são aquelas embutidas nos moldes representacionais.

Acreditamos que a positivação da representação, mesmo que normativa por seus contornos e limites discursivos, possibilita ao receptor uma consonância para com aquela representação homossexual. Porém, um *queer* não quer tanto ser tolerado, ou mesmo assimilado pela sociedade, ele busca desconstruir os discursos existentes nela. Por isso, a frase de Jean Baudrillard, “*A sedução está para além do indiferente, está no estranho*”, caracteriza bem esse ser *queer*. Pois, para desestabilizar as normas, é preciso ser e estar estranho. E o *queer* é, além de tudo, um sedutor.

Referências

BUTLER, Judith. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”*. In LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p.151-172.

CARVALHO, Marcelle. *Ao virar hetero em 'A favorita', Orlandinho causa polêmica entre gays*. *Jornal Extra do dia 16/12/2008*. Disponível em: http://extra.globo.com/lazer/sessaoExtra/post.asp?t=aovirarheteroemfavoritaorlandinhocausapolemicaentregays&cod_Post=147466&a=177 capturado em 5 de março de 2009.

COLLING, Leandro. SANCHES, Júlio César. *Quebrando o complexo Gabriela! Uma análise da transexualidade na novela as filhas da mãe*. Trabalho apresentado no I EBECULT – Encontro Baiano de Estudos em Cultura, realizado nos dias 11 e 12 de dezembro de 2008. Salvador, Anais... Salvador: UFBA, 2008 CD-ROM.

COLLING, Leandro. *Aquenda a metodologia! Uma proposta a partir da análise de avental todo sujo de ovo*. Trabalho apresentado no IV ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, realizado entre os dias 28 a 30 de maio de 2008, na Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador-Bahia-Brasil. Disponível em <http://www.cult.ufba.br/enecult2008/14306.pdf> - capturado em 20 de Janeiro de 2009.

_____. *Personagens homossexuais nas telenovelas da Rede Globo: criminosos, afetados e heterossexualizados*. Revista Gênero, volume 8, número 1, segundo semestre de 2007, Niterói: EDUFF, p. 207 a 222.

CORREIO DA TARDE ON LINE. *Iran Malfitano comemora sucesso de Orlandinho*. 07.01.2009 Disponível em http://www.correiodatarde.com.br/semanais/guia_do_correio-37456 - capturado em 15 de janeiro de 2009.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987.

LOPES, Denílson. Terceiro manifesto camp. In: Lopes, Denílson. *O homem que amava rapazes e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho. Ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____. *Da Diáspora: Identidades e Mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HOHLFELDT, Antônio. Hipóteses contemporâneas de pesquisa em comunicação. In: HOHLFELDT, Antônio. (org.) MARTINO, Luiz C. (org.) FRANÇA, Vera Veiga. (org.) *Teorias da comunicação: Conceitos, escolas e tendências*. Petrópolis: Vozes, 2001, p.187-240.

MAGALHÃES, William. *Mestre em comunicação analisa final de personagens gays de A Favorita*. Publicado em 23/01/2009. Disponível em: <http://www.acapa.com.br/site/noticia.asp?codigo=6936> capturado em 3 de março de 2009.

MARTHER, Marcelo. *Gay e patético: Mais um assunto em que a novela A Favorita evita o politicamente correto*. Revista Veja, edição 2066, de 25 de junho de 2008. Disponível em: http://veja.abril.com.br/250608/p_197.shtml capturado em 14 de janeiro de 2009.

MORENO, Antonio. *A personagem homossexual no cinema brasileiro*. Niterói: EdUFF, 2001.

PERET, Luiz Eduardo Neves. *Do armário à tela global: a representação social da homossexualidade na telenovela brasileira*. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

PINO, Nádía Perez. *A teoria queer e os intersex: experiências invisíveis de corpos desfeitos*. Cadernos pagu (28), janeiro-junho de 2007:149-174. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n28/08.pdf> capturado em 4 de março de 2009.

PRINS, Baukje e MEIJER, Irene Costera. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. In: *Revista Estudos Feministas*. Volume 10, número 1, Florianópolis, janeiro de 2002.

SANCHES, Júlio César. SANT'ANA, Tiago. *Deixa ousada até a mais santinha!* Uma análise das propagandas do desodorante Axe. *Trabalho apresentado no I EBECULT – Encontro Baiano de Estudos em Cultura*, realizado nos dias 11 e 12 de dezembro de 2008. Salvador, Anais... Salvador: UFBA, 2008 CD-ROM.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 28, jun. 2007, p.19-54. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n28/03.pdf> capturado em 4 de março de 2009.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis, Vozes, 2007, p 73 a 102.

VILLALBA, Patrícia. *Ele foi sem ter sido*: Depois de se entender gay e conquistar o público, Orlandinho volta a ser machão em 'A Favorita'. 14/12/2008. Disponível em: http://www.estadao.com.br/suplementos/not_sup293655.0.htm capturado em 5 de março de 2009.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis, Vozes, 2007, p. 7 a 72.